

## Educação Inclusiva e Comportamento no Transtorno do Espectro Autista: Desafios e Estratégias de Intervenção para a Promoção do Desenvolvimento Escolar

*Inclusive Education and Behavior in Autism Spectrum Disorder: Challenges and Intervention Strategies for Promoting School Development*

Allan Hideick Tanaka<sup>1</sup>

Gabrielly C. Espinosa Belinello Tanaka<sup>2</sup>

Rogéria Cristina Espinosa Belinello

<sup>1</sup>Mestre em Matemática Aplicada e Computacional pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, (2023), foi bolsista na Universidade Virtual do Estado de São Paulo, UNIVESP, atuando como facilitador em diversas disciplinas dos cursos de licenciatura. Licenciado em Matemática pelo Instituto Federal de São Paulo (2021), foi bolsista no Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e no Programa de Residência Pedagógica do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Atualmente é professor temporário na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e no colégio Liceu Birigui. [allan.tanaka@gmail.com](mailto:allan.tanaka@gmail.com)

<sup>2</sup>Possui Graduação em Pedagogia pela Fateb - Fundação Municipal de Ensino de Birigui (2020) com habilitação em Gestão Escolar, Docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Especialização em Psicologia da Educação pela Educamais (2021) e em Atendimento Educacional Especializado - AEE pela Educamais (2023). Graduanda em Fonoaudiologia pela Uningá. Atualmente é professora do Ensino Fundamental e Educação Infantil na Rede Municipal de Educação de Birigui-SP. [gabic.espinosa@gmail.com](mailto:gabic.espinosa@gmail.com)

<sup>3</sup>Discente do Programa de Pós-graduação em Docência para a Educação Básica da Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho - UNESP/Bauru. Professora da Educação Infantil da rede municipal de Birigui e Araçatuba. Pós-graduada em Psicopedagogia institucional.e-mail: [rogeria.espinosa@unesp.br](mailto:rogeria.espinosa@unesp.br)

### RESUMO

A educação inclusiva visa proporcionar um ambiente de aprendizado acessível para todos, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Este trabalho investiga os principais desafios enfrentados pelas escolas na inclusão de alunos com TEA e apresenta estratégias de intervenção pedagógica e comportamental que promovam seu desenvolvimento escolar e social. Dentre os desafios identificados, destacam-se as dificuldades de comunicação, socialização e adaptação às rotinas escolares. As práticas pedagógicas inclusivas, como o uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) e do ensino estruturado, demonstram ser eficazes para superar essas barreiras. Além disso, o suporte de uma equipe multidisciplinar, composta por psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, é fundamental para garantir que os alunos com TEA recebam o apoio necessário para o seu pleno desenvolvimento acadêmico e emocional. Este estudo reforça a importância da formação continuada de professores e da colaboração entre escola, família e profissionais de saúde no processo de inclusão.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Intervenção pedagógica. Comunicação Alternativa e Aumentativa. Ensino estruturado.

### ABSTRACT

Inclusive education aims to provide an accessible learning environment for all, including students with Autism Spectrum Disorder (ASD). This study investigates the main challenges faced by schools in the inclusion of students with ASD and presents pedagogical and behavioral intervention strategies that promote their academic and social development. Among the challenges identified, difficulties in communication, socialization, and adaptation to school routines stand out. Inclusive pedagogical practices, such as the use of Augmentative and Alternative Communication (AAC) and structured teaching, have proven to be effective in overcoming these barriers. In addition, the support of a multidisciplinary team, composed of psychologists, speech therapists, and occupational therapists, is essential to ensure that students with ASD receive the necessary support for their full academic and emotional development. This study reinforces the importance of ongoing teacher training and collaboration between schools, families, and health professionals in the inclusion process.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder. Pedagogical intervention. Alternative and Augmentative Communication. Structured teaching.

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Inclusiva vem sendo cada vez mais debatida e implementada nas escolas, com o objetivo de garantir que todos os estudantes, independentemente de suas características físicas, intelectuais ou comportamentais, tenham acesso ao ensino de qualidade. Nesse contexto, a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresenta desafios específicos, uma vez que esses indivíduos podem apresentar características comportamentais e de desenvolvimento que impactam diretamente o processo de aprendizagem. As dificuldades de comunicação, interação social e o comportamento repetitivo, frequentemente associadas ao TEA, demandam estratégias de ensino e intervenções pedagógicas que favoreçam sua participação efetiva no ambiente escolar.

O objetivo deste trabalho é analisar os principais desafios enfrentados na inclusão escolar de alunos com TEA e investigar estratégias de intervenção que contribuam para o desenvolvimento acadêmico e social desses estudantes. Para tanto, serão exploradas as práticas pedagógicas inclusivas, o papel da equipe multidisciplinar e o desenvolvimento de recursos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem.

A justificativa para a realização deste estudo reside na crescente demanda por práticas inclusivas eficazes, dado o aumento da identificação de crianças com TEA nas escolas. Compreender melhor as barreiras enfrentadas por esses alunos e os recursos disponíveis para superá-las é fundamental para promover uma educação mais equitativa e inclusiva. Além disso, este trabalho busca contribuir com o debate sobre como as escolas podem se adaptar às necessidades específicas de cada aluno, promovendo seu pleno desenvolvimento acadêmico e social.

A pergunta que guia esta pesquisa é: Quais são os principais desafios enfrentados pelas escolas no processo de inclusão de alunos com TEA, e quais estratégias de intervenção pedagógica podem ser utilizadas para promover seu desenvolvimento escolar?

A problematização que emerge a partir dessa questão envolve a necessidade de identificar não apenas os obstáculos presentes no ambiente escolar, mas também os métodos que têm se mostrado eficazes na superação dessas dificuldades. Ao longo deste trabalho, será investigado como as práticas educacionais podem ser adaptadas para atender às demandas específicas do TEA, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor para todos os estudantes.

## 2. MARCO TEÓRICO

### 2.1 Educação Inclusiva e os Desafios na Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A educação inclusiva é uma abordagem pedagógica que visa garantir o acesso e a permanência de todos os alunos no sistema regular de ensino, independentemente de suas características físicas, intelectuais ou comportamentais. Essa concepção reconhece a diversidade como um elemento enriquecedor do ambiente escolar, onde cada estudante, com suas peculiaridades, contribui para a construção de um espaço de aprendizado mais democrático. O conceito de inclusão vai além da mera inserção física do aluno em sala de aula, buscando sua participação ativa e o desenvolvimento de suas potencialidades.

As raízes da educação inclusiva estão ligadas aos movimentos sociais que, ao longo do século XX, lutaram pelos direitos das pessoas com deficiência. A Declaração de Salamanca, adotada em 1994, foi um marco internacional que reforçou a importância da inclusão educacional como um direito humano. A partir dessa perspectiva, as escolas passaram a ser vistas como ambientes que devem se adaptar às necessidades dos alunos, e não o contrário. A inclusão educacional, nesse contexto, demanda transformações pedagógicas, físicas e atitudinais para assegurar que todos os estudantes, independentemente de suas condições, tenham uma experiência de aprendizagem significativa (Rodrigues e Cruz, 2020).

No Brasil, a legislação tem desempenhado um papel crucial na promoção da educação inclusiva. A Constituição Federal de 1988 já estabelecia o direito à educação para todos, incluindo as pessoas com deficiência. Posteriormente, a Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) consolidaram o compromisso do país com a oferta de uma educação equitativa. Essas normativas exigem que as escolas adotem práticas inclusivas, promovam adaptações curriculares e assegurem a acessibilidade física e comunicacional, visando à plena participação dos alunos com deficiência (Araujo e Filho, 2016).

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares é um dos grandes desafios da educação inclusiva. Esses estudantes, devido às suas características específicas, demandam

intervenções pedagógicas e sociais adequadas para que possam progredir em seu desenvolvimento acadêmico e social. A adaptação do currículo e das metodologias de ensino é fundamental para que esses alunos possam se beneficiar plenamente do ambiente escolar. Nesse sentido, as escolas precisam estar preparadas para acolher e apoiar o desenvolvimento desses estudantes de maneira eficaz (Rodrigues e Cruz, 2020).

A educação inclusiva é, portanto, um processo contínuo de transformação escolar que visa garantir que cada aluno tenha acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas condições. Para que isso seja possível, é necessário o comprometimento de todos os atores envolvidos no processo educacional: professores, gestores, alunos e famílias. A inclusão efetiva requer não apenas a adaptação física e curricular, mas também uma mudança de mentalidade que valorize a diversidade como um aspecto fundamental do processo de aprendizagem (Schimidt, 2016).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neuropsiquiátrica caracterizada por dificuldades na comunicação e interação social, além da presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. De acordo com o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o TEA abrange uma ampla variedade de sintomas e severidades, o que resulta na designação “espectro”. Essa variabilidade torna o diagnóstico e a intervenção um processo complexo, pois as necessidades dos indivíduos com TEA podem variar consideravelmente (Schimidt, 2016).

No que diz respeito à comunicação, pessoas com TEA podem apresentar desde dificuldades leves, como a compreensão de sinais sociais sutis, até a ausência completa da fala. Muitas vezes, os indivíduos têm dificuldades em iniciar ou manter conversações e podem usar a linguagem de forma não convencional, como a repetição de palavras ou frases (ecolalia). Esses desafios interferem diretamente na interação social, o que pode resultar em isolamento, dificuldades em formar vínculos e compreender normas sociais, o que impacta o processo de inclusão escolar (Schirmer, 2020).

Outro aspecto importante do TEA é a presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos. Alunos com autismo frequentemente demonstram comportamentos ritualizados ou repetitivos, como alinhar objetos, balançar o corpo ou seguir rotinas rígidas. Além disso, podem desenvolver interesses intensos por temas específicos, o que pode afetar sua capacidade de se engajar em outras atividades. Embora esses comportamentos possam ser desafiadores, também podem ser usados como ponto de partida para estratégias educacionais que integrem os interesses do aluno no processo de ensino-aprendizagem (Araujo e Filho, 2016).

A variação dentro do espectro autista significa que os níveis de suporte necessários para cada aluno também são muito diversos. Enquanto alguns indivíduos conseguem frequentar a escola regular com poucas adaptações, outros necessitam de apoio especializado contínuo. Essa diferença é descrita nos níveis de gravidade do TEA no DSM-5, que classifica os casos de acordo com a quantidade de suporte necessário nas áreas de comunicação e comportamento. Assim, o planejamento educacional deve ser individualizado, levando em conta as particularidades de cada aluno (Schirmer, 2020).

Portanto, é essencial que os educadores e a equipe escolar estejam cientes das variações dentro do espectro autista e preparados para oferecer o suporte adequado. O diagnóstico precoce e as intervenções educativas adaptadas às necessidades do aluno são fundamentais para promover seu desenvolvimento acadêmico e social. A abordagem inclusiva para alunos com TEA requer uma compreensão profunda dessas características, para que as estratégias pedagógicas possam ser aplicadas de maneira eficaz.

A inclusão de alunos com TEA no sistema regular de ensino apresenta desafios significativos, especialmente no que tange ao processo de aprendizagem. As dificuldades de comunicação e interação social frequentemente se traduzem em obstáculos no ambiente escolar, onde a dinâmica entre professores, colegas e atividades acadêmicas exige habilidades que muitos alunos autistas podem ter dificuldade em desenvolver. A compreensão e o respeito ao ritmo de aprendizagem e às características individuais desses alunos são essenciais para uma inclusão eficaz (Togashi e Walter, 2016).

Entre os principais desafios enfrentados por alunos com TEA estão as dificuldades de atenção e foco. Muitos indivíduos no espectro apresentam dificuldades em se concentrar em tarefas por longos períodos, o que pode prejudicar o desempenho acadêmico. Além disso, a resistência a mudanças e a insistência em rotinas rígidas podem dificultar a adaptação às dinâmicas escolares, onde a flexibilidade e a capacidade de transitar entre diferentes atividades e disciplinas são frequentemente necessárias.

Outro desafio significativo é a formação insuficiente dos professores e da equipe escolar para trabalhar com alunos com TEA. Muitos educadores relatam sentir-se despreparados para lidar com as demandas específicas desses alunos, como gerir comportamentos desafiadores ou adaptar o currículo de forma eficaz. A falta de conhecimento sobre o TEA pode levar a mal-entendidos e à aplicação de práticas pedagógicas inadequadas, que não atendem às necessidades desses estudantes e, muitas vezes, agravam os desafios já existentes

(Togashi e Walter, 2016).

As barreiras encontradas na inclusão de alunos com TEA não se restringem apenas ao aspecto pedagógico. A infraestrutura escolar também pode ser um obstáculo, já que muitos ambientes não estão adaptados para alunos com sensibilidades sensoriais, como luzes fortes ou ruídos excessivos, que são comuns em escolas tradicionais. Esses fatores podem criar um ambiente estressante e pouco acolhedor para alunos autistas, dificultando ainda mais sua integração e aprendizado (Schirmer, 2020).

Portanto, para que a inclusão de alunos com TEA seja bem-sucedida, é necessário um esforço conjunto que envolva capacitação contínua de professores, adaptações pedagógicas e físicas no ambiente escolar, além de suporte emocional e comportamental. A colaboração entre escola, família e profissionais de saúde é essencial para criar um ambiente inclusivo e promover o desenvolvimento acadêmico e social desses alunos.

## 2.2 Práticas Pedagógicas Inclusivas no Contexto do TEA

As práticas pedagógicas inclusivas desempenham um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Diante das particularidades cognitivas, comportamentais e comunicativas desses estudantes, é necessário que os educadores adotem abordagens e metodologias adaptadas às suas necessidades. Uma das estratégias mais eficazes é a educação baseada em interesses, que utiliza os interesses específicos do aluno como ponto de partida para o aprendizado. No caso de alunos com TEA, que frequentemente apresentam fascinação por temas restritos, a exploração desses interesses pode aumentar o engajamento e promover a aprendizagem significativa.

A educação baseada em interesses reconhece que os alunos autistas, ao serem expostos a conteúdos de seu interesse, demonstram maior capacidade de concentração e retenção de informações. Por exemplo, se um aluno com TEA demonstra um interesse particular por dinossauros, o professor pode incorporar esse tema nas atividades de leitura, matemática ou ciências. Essa abordagem não apenas facilita o aprendizado, mas também ajuda a estabelecer conexões sociais entre o aluno e seus colegas, uma vez que os interesses pessoais podem se transformar em oportunidades de interação (Oliveira, 2023).

Outra metodologia fundamental no ensino de alunos com TEA é o uso da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA). Essa prática é especialmente útil para alunos que possuem dificuldades significativas na comunicação verbal, permitindo que eles se expressem de outras formas, como por meio de símbolos, imagens ou dispositivos tecnológicos. A CAA pode incluir o uso de pranchas de comunicação com imagens que representem objetos, ações ou sentimentos, permitindo que o aluno se comunique de maneira mais eficaz e reduza as frustrações associadas à incapacidade de verbalizar suas necessidades (Madureira *et al.*, 2022).

O ensino estruturado (TEACCH) é outra abordagem amplamente utilizada com alunos com TEA. Desenvolvida para proporcionar uma estrutura clara e previsível ao ambiente de aprendizagem, essa metodologia organiza o espaço físico, o tempo e as atividades de maneira que os alunos saibam exatamente o que esperar e o que é esperado deles. A previsibilidade é especialmente importante para indivíduos autistas, que podem ter dificuldades em lidar com mudanças e incertezas. A aplicação do ensino estruturado pode incluir o uso de cronogramas visuais, que ajudam a organizar as atividades do dia e a transição entre tarefas, promovendo maior autonomia e segurança no ambiente escolar (Uribe *et al.*, 2024).

O papel do ambiente físico da escola também é um fator crucial para o sucesso das práticas pedagógicas inclusivas. A adaptação do espaço escolar deve levar em consideração as sensibilidades sensoriais que muitos alunos com TEA apresentam. Ruídos excessivos, luzes intensas ou espaços desorganizados podem causar estresse e interferir no aprendizado. Assim, a criação de ambientes tranquilos, com áreas específicas de relaxamento, pode ser uma estratégia eficaz para ajudar os alunos a regular suas emoções e melhorar o desempenho acadêmico (Oliveira, 2023).

Além disso, as adaptações curriculares são essenciais para promover o aprendizado inclusivo de alunos com TEA. A flexibilização do currículo, permitindo que os estudantes progridam em seu próprio ritmo e de acordo com suas capacidades, é uma prática fundamental. Isso pode incluir a simplificação de instruções, a divisão de tarefas em etapas menores ou o uso de materiais visuais e concretos que ajudem na compreensão dos conceitos. A avaliação do desempenho também pode ser adaptada, focando não apenas no conteúdo acadêmico, mas também no desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas (Madureira *et al.*, 2022).

Diversos exemplos de boas práticas educacionais têm demonstrado sucesso na inclusão de alunos com TEA. Programas de ensino colaborativo, onde professores especializados em educação inclusiva trabalham em parceria com os professores regulares, têm mostrado eficácia na adaptação de metodologias e no suporte

individualizado aos alunos. Além disso, a formação contínua de professores e o desenvolvimento de uma equipe multidisciplinar são essenciais para garantir que os profissionais de educação estejam capacitados a lidar com as demandas específicas do TEA (Uribe *et al.*, 2024).

A integração de tecnologias assistivas também se destaca como uma boa prática no contexto inclusivo. Dispositivos como tablets, aplicativos de comunicação e softwares educativos podem ser utilizados para facilitar a interação, a aprendizagem e a participação ativa dos alunos com TEA. Essas ferramentas podem ser adaptadas de acordo com as habilidades e necessidades de cada aluno, proporcionando uma experiência de aprendizado mais acessível e personalizada (Madureira *et al.*, 2022).

Outra boa prática envolve o trabalho em conjunto com a família. A colaboração entre a escola e os responsáveis pelo aluno com TEA é crucial para o desenvolvimento de estratégias consistentes e eficazes, tanto em casa quanto na escola. Quando há um diálogo constante entre educadores e familiares, é possível adaptar melhor as práticas pedagógicas às necessidades do aluno e compartilhar informações valiosas sobre seu progresso e desafios (Uribe *et al.*, 2024).

Portanto, as práticas pedagógicas inclusivas voltadas para alunos com TEA exigem um planejamento cuidadoso, adaptado às características individuais de cada aluno. A combinação de metodologias específicas, como o ensino estruturado e a CAA, com adaptações no ambiente escolar e no currículo, forma a base de um processo educacional inclusivo. Essas práticas, quando implementadas de maneira adequada e sustentadas pela formação de professores e pelo envolvimento da família, podem promover um ambiente de aprendizado mais acolhedor e eficaz para alunos com TEA.

## 2.3 Intervenções e Suporte Multidisciplinar

O suporte aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar requer a atuação integrada de uma equipe multidisciplinar composta por profissionais de diferentes áreas, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, entre outros. Esses especialistas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes, oferecendo intervenções específicas que abordam as diversas dificuldades enfrentadas pelos alunos com TEA. A colaboração entre esses profissionais e a equipe pedagógica é essencial para garantir que o processo educacional seja adaptado às necessidades individuais, promovendo a inclusão efetiva e o bem-estar do aluno (Loureiro *et al.*, 2016).

Os psicólogos escolares, por exemplo, são responsáveis por avaliar e monitorar o desenvolvimento emocional e comportamental dos alunos com TEA. Eles auxiliam na identificação de comportamentos desafiadores, como crises de ansiedade, agressividade ou isolamento social, que podem interferir no aprendizado. Além disso, os psicólogos oferecem suporte emocional, ajudando o aluno a lidar com situações de estresse e promovendo o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, essenciais para sua integração no ambiente escolar (Cachioni, 2019).

A atuação dos terapeutas ocupacionais é igualmente importante, pois esses profissionais trabalham para melhorar as habilidades motoras, sensoriais e cognitivas dos alunos com TEA. Muitos indivíduos no espectro apresentam dificuldades sensoriais, que podem impactar negativamente sua capacidade de concentração e interação no ambiente escolar. A terapia ocupacional ajuda a desenvolver estratégias para lidar com essas questões, como o uso de materiais táteis ou a criação de rotinas que favoreçam a organização e o foco durante as atividades.

Os fonoaudiólogos, por sua vez, desempenham um papel vital no desenvolvimento das habilidades de comunicação dos alunos com TEA. Uma das principais características do espectro autista é a dificuldade em se comunicar de maneira eficiente, seja por limitações na fala ou na interpretação de sinais não-verbais. O fonoaudiólogo trabalha diretamente com o aluno para aprimorar suas habilidades linguísticas, seja através de terapias tradicionais ou do uso de sistemas de Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), permitindo que o aluno se expresse de maneira mais clara e compreensível (Loureiro *et al.*, 2016).

5

Entre as estratégias de intervenção comportamental mais eficazes no tratamento de alunos com TEA está a Análise do Comportamento Aplicada (ABA). A ABA é uma abordagem científica baseada nos princípios do comportamento humano e visa modificar comportamentos desafiadores e promover habilidades adaptativas. Na prática, isso envolve a observação sistemática do comportamento do aluno, a definição de metas específicas e a implementação de estratégias de reforço positivo para incentivar comportamentos desejáveis. Essa intervenção tem sido amplamente reconhecida por sua eficácia na melhoria das habilidades sociais, comunicativas e acadêmicas de crianças autistas (Cachioni, 2019).

Outro método amplamente utilizado é o Modelo Denver de Intervenção Precoce (ESDM), uma abor-

dagem desenvolvimentista que combina aspectos da ABA com práticas de ensino interativas e lúdicas. O ESDM é especialmente eficaz para crianças pequenas com TEA, promovendo o aprendizado em um ambiente natural e estimulante. Essa abordagem é centrada na construção de habilidades sociais e na melhoria da comunicação por meio de interações significativas e atividades cotidianas, favorecendo o desenvolvimento global da criança de forma individualizada.

A colaboração entre a escola, a família e os profissionais da equipe multidisciplinar é um fator determinante para o sucesso das intervenções com alunos com TEA. A comunicação constante entre essas partes permite que os objetivos terapêuticos e educacionais sejam alinhados, criando um ambiente mais coeso e eficaz para o desenvolvimento do aluno. As famílias desempenham um papel importante na implementação de estratégias em casa, enquanto os educadores garantem que essas intervenções sejam aplicadas no contexto escolar de maneira consistente (Loureiro *et al.*, 2016).

Essa parceria entre os profissionais e os familiares também oferece suporte emocional e psicológico aos pais, que muitas vezes enfrentam desafios ao lidar com as necessidades de seus filhos com TEA. Ao participar ativamente das decisões e intervenções, as famílias se sentem mais confiantes e preparadas para apoiar o desenvolvimento de seus filhos, contribuindo para a criação de um ambiente de aprendizado mais positivo e acolhedor. A troca de informações e a colaboração em torno das melhores práticas possibilitam a criação de um plano de ação mais eficiente para cada aluno (Cachioni, 2019).

Além disso, a formação continuada dos profissionais da educação é uma peça fundamental no suporte aos alunos com TEA. É essencial que professores e outros membros da equipe escolar recebam treinamento especializado para compreender o TEA e as abordagens pedagógicas adequadas. A falta de formação pode gerar barreiras no processo de inclusão, pois sem o conhecimento necessário, os educadores podem ter dificuldade em adaptar suas práticas às necessidades dos alunos. A formação continuada, portanto, proporciona aos profissionais as ferramentas necessárias para atuar de forma mais eficaz (Loureiro *et al.*, 2016).

Por fim, o sucesso das intervenções e do suporte multidisciplinar depende de um planejamento integrado e de longo prazo, que leve em consideração as mudanças no desenvolvimento do aluno ao longo dos anos. À medida que as necessidades das crianças com TEA evoluem, é importante que a equipe multidisciplinar revise e ajuste as estratégias de intervenção de acordo com o progresso observado. Esse processo contínuo garante que o suporte oferecido esteja sempre alinhado aos desafios e potencialidades do aluno, promovendo seu desenvolvimento acadêmico e social em todas as fases de sua jornada escolar.

### 3. MATERIAL E MÉTODO

Este estudo adota a abordagem de revisão de literatura com o objetivo de analisar e compilar os desafios e as estratégias de intervenção para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. A revisão de literatura é fundamental para identificar e organizar o conhecimento já produzido sobre o tema, fornecendo uma base sólida para a discussão dos métodos e práticas que têm se mostrado eficazes na promoção de uma educação inclusiva.

A pesquisa bibliográfica foi realizada em fontes como artigos acadêmicos, livros e dissertações publicados em bases de dados reconhecidas e com data de publicação de 2014 a 2024, como Scielo, Google Scholar e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As palavras-chave utilizadas para a busca incluíram “Educação Inclusiva”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Intervenção Pedagógica” e “Suporte Multidisciplinar”. Apenas trabalhos publicados nos últimos dez anos foram selecionados, de modo a garantir a relevância e a atualidade das informações.

As etapas metodológicas consistiram em: (1) identificação dos principais desafios enfrentados no processo de inclusão de alunos com TEA; (2) análise das estratégias de intervenção pedagógica e de suporte multidisciplinar; e (3) discussão sobre as práticas pedagógicas inclusivas mais eficazes, com base nas evidências apresentadas nos estudos analisados. Essa metodologia permitiu a construção de uma visão abrangente sobre o tema, essencial para fundamentar as conclusões da pesquisa.

### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos a partir da revisão de literatura apontam para a importância de uma abordagem integrada e multidisciplinar no processo de inclusão de alunos com TEA. De acordo com Costa e Abreu (2021), o primeiro desafio destacado é a dificuldade de comunicação desses alunos, que frequentemente têm problemas em expressar suas necessidades ou em compreender as instruções dadas pelos professores. Estra-

tégias como a Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA) têm se mostrado eficazes ao proporcionar formas alternativas de expressão, facilitando a interação no ambiente escolar e promovendo uma maior participação dos alunos nas atividades pedagógicas.

Outro desafio recorrente identificado na literatura é a dificuldade de socialização dos alunos com TEA. A inclusão social no ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento emocional e acadêmico desses alunos, mas muitos deles enfrentam barreiras para formar vínculos com seus colegas e participar de atividades em grupo. A utilização de metodologias que favorecem a interação social, como a educação baseada em interesses, tem demonstrado resultados positivos, ao engajar os alunos em atividades colaborativas centradas nos temas que lhes despertam interesse.

Além disso, a resistência a mudanças e à quebra de rotina é uma característica frequente entre alunos com TEA, o que pode gerar dificuldades em ambientes escolares dinâmicos. O ensino estruturado, que organiza as atividades de forma previsível e clara, tem sido amplamente utilizado como uma solução para minimizar o impacto dessas dificuldades. Estudos mostram que o uso de cronogramas visuais e a segmentação das tarefas em etapas menores ajudam a reduzir a ansiedade e a aumentar a autonomia dos alunos com TEA.

No que tange ao desenvolvimento cognitivo e acadêmico, a revisão da literatura destaca a necessidade de adaptações curriculares para atender às particularidades desses alunos. As práticas pedagógicas inclusivas devem ser flexíveis, permitindo que os alunos avancem em seu próprio ritmo, com atividades ajustadas às suas capacidades. A utilização de recursos visuais e tecnológicos é um elemento chave nas adaptações curriculares, pois facilita a compreensão e o engajamento dos alunos nas tarefas propostas.

Um aspecto crítico identificado é a formação insuficiente dos professores em relação às práticas pedagógicas inclusivas para alunos com TEA. A literatura revela que muitos educadores se sentem despreparados para lidar com os desafios específicos desse transtorno, o que impacta negativamente a qualidade da educação oferecida. A formação continuada dos profissionais é fundamental para a implementação eficaz das estratégias pedagógicas e para a construção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

Além disso, a colaboração entre a escola, a família e os profissionais de saúde é frequentemente citada como um fator determinante para o sucesso da inclusão escolar de alunos com TEA. A comunicação constante entre esses agentes permite o alinhamento das estratégias educativas e terapêuticas, criando um ambiente mais coeso e favorável ao desenvolvimento integral dos alunos. A literatura destaca que o envolvimento ativo das famílias nas decisões escolares contribui para a adaptação das intervenções às necessidades específicas de cada aluno.

O ambiente físico da escola também exerce um impacto significativo sobre a inclusão de alunos com TEA. Sensibilidades sensoriais, como intolerância a ruídos altos ou a luzes intensas, podem dificultar a concentração e o bem-estar dos alunos autistas. A literatura sugere a criação de espaços tranquilos e adaptados, que permitam aos alunos regular suas emoções e manter o foco nas atividades acadêmicas. Essas adaptações físicas, quando combinadas com intervenções pedagógicas, favorecem o desenvolvimento desses alunos.

Outra questão importante abordada é o suporte emocional oferecido aos alunos com TEA, que muitas vezes enfrentam altos níveis de ansiedade e frustração no ambiente escolar. A literatura destaca o papel dos psicólogos e outros profissionais de saúde mental no acompanhamento desses alunos, oferecendo apoio contínuo para ajudá-los a lidar com os desafios emocionais e comportamentais. Esse suporte, em conjunto com estratégias pedagógicas, contribui para o bem-estar dos alunos e para sua permanência na escola.

A revisão também aponta que o monitoramento contínuo do progresso dos alunos com TEA é essencial para o sucesso das intervenções educacionais. A avaliação regular permite ajustar as estratégias conforme as necessidades e os avanços do aluno, garantindo que as práticas pedagógicas sejam sempre adaptadas à sua realidade. O acompanhamento por parte de uma equipe multidisciplinar também facilita a identificação de novas demandas e o planejamento de intervenções mais direcionadas.

Finalmente, os resultados indicam que a tecnologia assistiva desempenha um papel cada vez mais relevante no processo de inclusão escolar de alunos com TEA. Ferramentas como tablets, softwares educativos e aplicativos de comunicação têm se mostrado eficazes na promoção do aprendizado e da interação social. A literatura destaca que o uso da tecnologia permite a personalização do ensino, atendendo às necessidades individuais dos alunos e promovendo uma experiência de aprendizado mais acessível e inclusiva.

Em síntese, os resultados da revisão de literatura confirmam a importância de práticas pedagógicas inclusivas, da formação de uma equipe multidisciplinar e da colaboração entre escola e família para o sucesso da inclusão de alunos com TEA. A implementação dessas estratégias, aliada a uma formação contínua dos educadores, é essencial para garantir que esses alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, em um ambiente que respeite suas particularidades e promova seu desenvolvimento integral.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar os principais desafios enfrentados pelas escolas na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e investigar estratégias de intervenção que promovam o desenvolvimento escolar desses estudantes. Através da revisão de literatura, foi possível identificar que, embora existam avanços significativos no campo da educação inclusiva, ainda há muitos obstáculos que precisam ser superados.

Os desafios mais comuns incluem as dificuldades de comunicação, interação social e adaptação à rotina escolar. Além disso, a falta de formação adequada dos professores e a insuficiência de recursos físicos e pedagógicos voltados para alunos com TEA são fatores que impactam diretamente a eficácia da inclusão. Esses aspectos ressaltam a necessidade de um preparo mais abrangente das escolas e de uma conscientização maior por parte de todos os envolvidos no processo educacional.

As estratégias de intervenção, como a utilização da Comunicação Alternativa e Aumentativa (CAA), o ensino estruturado e a educação baseada em interesses, mostraram-se eficazes na promoção de um ambiente de aprendizado mais acessível e inclusivo. A importância de um suporte multidisciplinar também ficou evidente, com a participação ativa de psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais na adaptação das práticas pedagógicas às necessidades específicas de cada aluno.

A colaboração entre família, escola e profissionais da saúde é essencial para que o aluno com TEA tenha um desenvolvimento acadêmico e social pleno. Além disso, a formação continuada de professores, aliada ao uso de tecnologias assistivas, emerge como uma estratégia fundamental para garantir a inclusão e a qualidade da educação oferecida.

Conclui-se que a educação inclusiva para alunos com TEA requer um esforço constante de adaptação e inovação por parte das escolas, com o objetivo de assegurar que esses alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento que os demais. Assim, cabe aos educadores, gestores e demais profissionais da educação o papel de transformar as práticas escolares em prol de uma inclusão verdadeira e efetiva.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Luiz Alberto David; FILHO, Waldir Macieira da Costa. A LEI 13.146/2015 (O ESTATUTO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA OU A LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA) E SUA EFETIVIDADE. *Direito e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 12–30, 2017. DOI: 10.26843/direitoedesenvolvimento.v7i13.298. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/direitoedesenvolvimento/article/view/298>. Acesso em: 15 out. 2024.

CACHIONI, Meire; ZAINÉ, Isabela; CHIARELLI, Tássia Monique; CLIQUET, Lilian Ourém Batista Vieira; RODRIGUES, Kamila Rios da Hora; CUNHA, Bruna Carolina Rodrigues da; SCALCO, Leonardo Fernandes; ORLANDI, Brunela Della Maggiori; PIMENTEL, Maria da Graça C.; BATISTONI, Samila Sathler Tavares. Aprendizagem ao longo de toda a vida e letramento digital de idosos: um modelo multidisciplinar de intervenção com o apoio de um aplicativo. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 18-24, 2019. DOI: 10.5335/rbceh.v16i1.9751. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/9751>. Acesso em: 23 out. 2024.

COSTA, Gabrielle de Oliveira Nunes; ABREU, Clézio Rodrigues de Carvalho. Os benefícios do uso de psicofármacos no tratamento de indivíduos com transtorno do espectro autista (TEA): revisão bibliográfica. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, Brasil, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 240–251, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.4637757. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/232>. Acesso em: 23 out. 2024.

8

LOUREIRO, Elsa; ALBUQUERQUE, Carlos; CUNHA, Madalena; DIAS, Antonio; OLIVEIRA, Cristina. Determinantes das atitudes dos jovens face ao ambiente: contributos para a educação multidisciplinar. *Servir*, 59(1), 17-21, 2016.

MADUREIRA, Nila Luciana Vilhena; XAVIER, Mario Jorge Brasil; COSTA, Nivia Maria Vieira; FLEXA, Thina Threicy dos Santos. Práticas pedagógicas para alunos com TEA: estado da arte em dissertações brasileiras dos últimos dez anos. *Nova Revista Amazônica*, vol. 10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa>.

OLIVEIRA, José Fernando de Lima de. Processos inclusivos na educação: reflexões atuais sobre práticas pedagógicas e alunos com Transtorno do Espectro Autista - TEA. *Avances de Investigacion*. Montevideo, 2023.

RODRIGUES, Amanda Séllos; CRUZ, Luciana Hoffert Castro. Desafios da inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino de Ciências e Biologia. *REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA*, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 413–425, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/922>. Acesso em: 15 out. 2024.

SCHIRMER, Carolina Rizzotto. PESQUISAS EM RECURSOS DE ALTA TECNOLOGIA PARA COMUNICAÇÃO E TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA. *ETD - Educ. Temat. Digit.*, Campinas, v. 22, n. 1, p. 68-85, jan. 2020. Disponível em [http://educa.fcc.or.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-25922020000100068&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.or.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922020000100068&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 out. 2024.

SCHIMIDT, Carlo; *et al.* Inclusão Escolar e Autismo: uma Análise da Percepção Docente e Práticas Pedagógicas. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*. São Paulo, 2016.

TOGASHI, Cláudia Miharú; WALTER, Cátia Crivelenti de Figueiredo. As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo. *Relato de Pesquisa • Rev. bras. educ. espec.*, 2016.

URIBE, Andressa Vieira Seixas; SILVA, Adilson Sousa da; SOARES, Eliana Batista; SOUSA, Kelly Karoline Nunes; BOTELHO, Sandra de Oliveira; NOBRE, Suzely da Silva; LEAL, Tatiana de Souza; MAGALHÃES, Victor Hugo de Oliveira. Educação inclusiva: práticas pedagógicas para alunos com TEA. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 4, p. e3581, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n4-022. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3581>. Acesso em: 23 out. 2024.